

## "A DEFESA NACIONAL" ACOMPANHA AS NECESSIDADES DO EXÉRCITO

Major FRANCISCO RUAS SANTOS

Devia, com este artigo, prosseguir na publicação de mais alguns subsídios para a história de "A Defesa Nacional". Todavia, ao folhear os seus últimos números, dei-me conta de que a Revista, fiel sempre ao seu programa de propugnar pela *defesa nacional*, enveredara por outros caminhos que não chamo de novos, antes de ajustados às atuais condições culturais do Exército e à conjuntura nacional. Sem querer levar o carro adiante dos bois, pareceu-me oportuno comparar, hoje, dois rumos distintos no tempo, mas levando ambos ao mesmo objetivo. Simultaneamente, pretendo demonstrar que a Revista destes dias, como a do passado, é ainda a mesma, em sua essência, desde que não nos prendamos a questões de forma ou consideremos apenas alguns ângulos do panorama cultural militar.

Voltemo-nos, primeiro, para a primeira fase da vida de "A Defesa", a quadra heróica dos anos de 1913 a 1920. A razão de ser desse heroísmo poderá ser apreendida quando nos lembrarmos de que o velho Exército, o que o Império nos legara, teimava em ceder o terreno ao novo Exército, àquele que o Marechal Hermes fizera despontar com a lei do serviço militar obrigatório e a reorganização de 1908.

Cinco anos passados e tais providências ainda não haviam surtido o efeito desejado. Para que a mocidade tivesse ocorrido às fileiras fora preciso, antes de mais, que a Nação tivesse aceito o serviço militar, não como um sacrifício, mas

como inadiável necessidade imposta pelo mundo em que vivia, e ainda vive, acrescente-se.

Por outro lado, não tinha sido possível obter-se uma organização vivificada pela existência de bons quartéis, de oficiais adestrados, de material e meios de instrução em tôdas as guarnições.

As pressões políticas, as incompreensões, a ignorância dos imperativos de nossa defesa, os vícios e hábitos que remontavam mesmo ao período colonial, tudo isso, dentro e fora do Exército, formava como que um bloco intransponível no caminho a percorrer para se assegurar uma defesa eficiente do país.

Felizmente, havia um grupo de oficiais bons conhecedores dos males que afligiam o Exército e, o que é muito mais importante, disposto a lutar com firmeza para a destruição do formidável obstáculo ao progresso da instituição. Esse grupo foi o que fundou e apoiou a "Defesa Nacional", batalhando durante essa fase épica pela realidade do serviço militar obrigatório, pelas questões de organização, pela instrução e pela existência de reservas adequadas à defesa do país em caso de guerra.

Lógicamente, pois, as páginas da Revista, nos seus primeiros anos de vida, tinham de conter artigos de combate aos velhos hábitos, de esclarecimento das elites civis quanto aos problemas magnos da defesa militar, que lhes competia resolver, e de divulgação do que tocava aos militares fazer em todos os setores de nossa instituição. No

que respeita à instrução, era bem uma fase de mobilização de todos os recursos disponíveis para difundir fontes, meios e processos. E isto porque,

“saíamos à época de sua fundação (da Revista), dos raríssimos *exercícios gerais* dos corpos, evoluções ligadas a processos de combate remotíssimos, manejos de armas e pouco mais, para o Exército do tipo moderno” (\*),

o tipo que os então jovens Tenentes do grupo fundador — Estevão Leitão de Carvalho, Bertoldo Klinger e outros — tinham encontrado na Europa, notadamente na Alemanha.

Não nos esqueçamos de que o “Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército” e a “Revista dos Militares” (Pôrto Alegre), constituíam, praticamente, com a “Defesa” os únicos e poucos meios para o debate e a divulgação tão necessários naquela fase na verdade revolucionária.

Passada esta, entrou o Exército naquela outra cujo início se pode colocar na vinda da Missão Militar Francesa, e que, em alguns pontos, se prolonga pelos dias de hoje.

Não se tratava mais de lutar pelo serviço militar obrigatório ou por uma organização moderna. Permanecia, entretanto, com muito maiores exigências, a missão de difundir conhecimentos, ao mesmo tempo em que devia ser continuada a luta pelo aperfeiçoamento do sistema militar esboçado. Sem deixar de ser um órgão de crítica construtiva, passou a nossa Revista à categoria bem definida de publicação técnica militar. Sobrelevam, por isso, nos anos das décadas de 20 a 50, os artigos ou trabalhos sobre temas de tática, tiro, armamento e história militar contemporânea. Embora já tivéssemos os principais regulamentos para a tropa, não conseguira ainda o Exército, até 1944, resolver o crônico problema de acesso generalizado, aos seus ensina-

mentos. Muitos dos que estiverem lendo este artigo devem estar lembrados de como eram preciosos, pela sua raridade, certos manuais como os do armamento e tiro da Infantaria.

Lógicamente ainda, a “A Defesa Nacional” tinha de ser uma Revista de divulgação, muito em particular dos problemas de que os regulamentos não tratavam, ou que necessitavam de complementação.

Com a Segunda Guerra Mundial, podemos afirmar que mudou, de modo radical, o panorama das nossas publicações militares. Foram traduzidos e fartamente distribuídos os manuais norte-americanos destinados a servir à FEB. Posteriormente, sob a égide do EME, executou o Exército um plano grandioso de elaboração de manuais de campanha que cobre, hoje em dia, todos os ramos dos conhecimentos necessários ao *troupier* e ao oficial de Estado-Maior de GU. Além disso, a cultura profissional tem a seu favor os estágios feitos a partir de 1942 no Exército Norte-Americano por numerosas turmas de oficiais, sem contar a continuação dos que vinham sendo feitos na França. Acima de tudo isso, atingiram as nossas escolas superiores, a de Aperfeiçoamento, a de Estado-Maior e a Técnica, elevado nível de ensino. A racionalização deste e a melhor dotação de meios de impressão, como o Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Faria por exemplo, vieram complementar a obra dos manuais, instrutores e professores.

Podemos ainda notar falhas. Podemos lamentar que uma Revista, mais do que nunca necessária como “Cavalaria” (1934/1935), não mais exista como meio de debate e divulgação dos problemas peculiares à velha Arma, sobretudo os pertinentes ao seu emprêgo em TO sul-americano. Podemos registrar, melancolicamente, que, hoje em dia, fora das escolas, não se possa, via de regra, pesquisar e, por isso, que

(\*) Cel. Francisco de Paula Cidade, “A Defesa Nacional”, número de outubro de 1940, pag. 443.

não sejam divulgados artigos originais em maior número.

Essas deficiências, porém, não invalidam a nossa asserção de que o oficial da tropa e o de Estado-Maior tenham à mão os principais instrumentos teóricos de que necessitam para executar suas missões profissionais no âmbito dos Corpos e das Grandes Unidades.

Por conseguinte, se a discussão e a divulgação de temas estritamente profissionais constituíam uma bela e gloriosa tradição, não precisavam, agora, formar a parte mais substancial da Revista.

Fiel ao seu programa que, em essência, é o de propugnar pela defesa nacional, a Revista voltou-se para os grandes temas econômicos e sociais do país. Não é preciso muita ênfase de sua direção para tornar bem claro aos menos avisados que o Brasil vem atravessando, nestes últimos anos uma fase delicada e decisiva em prol de sua emancipação em setores básicos de sua economia, condição primeira de uma eficiente segurança interna e externa. Nos dias contemporâneos, de modo análogo ao que ocorreu nas primeiras quadras da existência da Revista, faz-se mister que todos os meios de divulgação se mobilizem para difundir estudos, servir ao debate construtivo, esclarecer, orientar enfim, militares e civis na selva densa dos magnos problemas da nacionalidade.

A "Revista do Clube Militar", por exemplo, embora sem a glória da prioridade, já havia tomado a dianteira de "A Defesa Nacional" nesse trabalho insano, e só com isso já assegurou, como esta, um lugar de relêvo no campo cultural militar. O êxito alcançado pela "Revista do Clube" está a indicar não só a atualidade de novos rumos, como a maior ressonância que se pode encontrar, nos meios militares, para certos temas que, dantes, eram privilégio de leitura de uns poucos.

Examinemos, finalmente, um ponto não muito bem aceito às vezes, o da divulgação pura e simples dos progressos da arte militar no estrangeiro. Tôdas as nossas revis-

tas militares, desta ou daquela forma, mantiveram sempre páginas a isso destinadas. A incidência maior se dá justamente nos períodos de guerra ou nos que a esta sucedam. A complexidade técnica é também um fator poderoso de maior preocupação pelas novidades, tanto aqui como no estrangeiro.

O aparecimento do "Mensário de Cultura Militar", por exemplo, é um fato que bem configura a maior necessidade, que existe, de pôr ao alcance dos militares pelo menos alguma coisa do que há de mais avançado como produção do pensamento militar lá fora.

Adotando a forma de *digesto* para a secção correspondente, a "A Defesa" está realizando um bom trabalho, uma vez que o processo permite difundir um maior número de assuntos.

Está, portanto, bem atualizada, no que depende de sua direção, a veterana "A Defesa Nacional".

Se a quisermos melhor — o que é sempre possível acontecer — esforcemo-nos, nós os leitores, por melhorá-la naquilo que depende tão somente do nosso esforço. Pesquisemos pelos vastos terrenos inexplorados dos estudos militares brasileiros. Aí estão, por exemplo, as nossas campanhas internas da República, a Geografia Militar e a vida de alguns grandes caracteres da primeira metade deste século. Continuam de pé, desafiando, há quase um século, nossa capacidade para resolvê-los, agudos problemas do Exército, nunca suficientemente debatidos.

Afinal, se neste particular das coisas possíveis de estudar não tem havido, infelizmente, originalidade no grau desejável ou compatível com o progresso cultural já atingido pelo Exército, eis um novo e muito sério problema a ser focalizado e discutido pelos que dêle hajam tomado conhecimento, e tenham o que dizer em benefício de sua solução.

Para todos êsses temas, estamos certos, as páginas da Revista serão tão acolhedoras como há quarenta anos atrás.

O Lençol DO LAR FELIZ!



Ao comprar, insista:  
eu quero

Lençóis  
**SANTISTA**

PRTA: SOLTEIRO: 1,60 x 2,60 - Cr\$ 109,00  
CASAL: 2,20 x 2,60 - Cr\$ 150,00  
QUAD: SOLTEIRO: 1,60 x 2,60 - Cr\$ 124,00  
CASAL: 2,20 x 2,60 - Cr\$ 172,00



A MARCA DE GARANTIA ESTÁ NA OURELA  
E A QUALIDADE EM TODO O LENÇOL

## A Despedida do Exército ao General Fiuza de Castro

Ao término de 48 anos de efetivo serviço nas fileiras do Exército — dos quais os 6 últimos no mais elevado posto militar da Instituição, — deixa o General de Exército Alvaro Fiuza de Castro, o serviço ativo das armas em face de recente dispositivo incluso em nossa legislação.

O jovem de 18 anos incompletos que em 1907, por impulso de vocação indomável, assentou praça no 20º Batalhão de Infantaria com destino à Escola de Guerra, soube construir, dia a dia, harmoniosa e bela carreira militar que hoje se encerra em meio de excepcionais manifestações de reconhecimento e que há de ficar como padrão, e dos mais altos, em tôda a história do Exército.

Ao recapitular-se a vida de oficial do General Fiuza, mesmo através dos frios e lacônicos assentamentos militares, verifica-se, de imediato, a contante de sua excepcional dedicação à profissão, provada em todos os encargos que lhe couberam, seja nas escolas como aluno, instrutor ou comandante, seja na tropa, seja nas missões no estrangeiro, seja nos mais altos postos de chefia e direção.

No setor do ensino o aplicado Tenente do curso de Artilharia e Engenharia que foi depois o laureado Capitão do curso de Estado-Maior, dedicou-se, por inteiro, durante sete anos a fio, ao ensino de Artilharia e de tática geral, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e na Escola Militar, provando aos seus chefes e aos mestres franceses que então secundava — Barat e Panchaud — que ali estava o mesmo profissional, que Tenente ainda se destacara como diretor do jôgo de guerra de seus camaradas e instrutor da 1ª turma de oficiais da reserva. E esta longa e brilhante atividade de instrutor em proveito da formação e do aperfeiçoamento de nossos oficiais, vai culminá-la no complexo e honroso encargo de Comandante da Escola Militar para o qual é escolhido como verdadeiro exemplo de virtudes militares e onde se consagra como um perfeito condutor de homens, segundo o conceito dignificante de austero Chefe Militar da época.

No serviço arregimentado de sua arma, o Major Comandante do Forte de Coimbra e o Coronel Comandante do 9º Regimento de Artilharia Montada foram bem as projeções do entusiasta Tenente de obuseiros e daquêlê Capitão instrutor de cadetes que mereceu de um mestre francês o epíteto consagrador de “artilheiro completo”.

Espírito eclético, operoso e eficiente em qualquer campo de atuação, o modelar oficial de estado-maior, chamado, já Tenente-Coronel, a cooperar nos estudos especializados que então se realizavam na Europa ao rearmamento de nossa artilharia, passou a ser também o apaixonado e pro-

ficiente técnico que, de regresso ao Brasil, iria exemplarmente dirigir o Arsenal de Guerra do Rio, a Diretoria de Material Bélico e o Departamento Técnico e de Produção do Exército.

No decurso de seus 14 anos de generalato o General Fiuza foi, em verdade, o Chefe de escol e o cidadão exemplar referidos nos louvores que ilustram sua nobilitante fé de officio. E sua digna, operosa e ponderada atuação, nos anos finais da carreira, à testa do Estado-Maior, cooperando firme e lealmente com cinco sucessivos Ministros de Estado, é bem o merecido coroamento dessa vida de quase meio século consagrada inteiramente ao Exército.

Ao tornar-se efetiva a transferência para a reserva do General Fiuza, achei certo cumprir o meu dever de apresentar-lhe as despedidas da Classe, na presença de todos os Oficiais-Generais, para solenizar, assim, de maneira sóbria e eloqüente, a expressão de nosso reconhecimento imperecível pela notável atuação desenvolvida em prol do Exército e do País e da nossa convicção de que o Brasil continuará a tê-lo, por muito tempo, como um de seus mais altos valores morais, inellectuais e cívicos.

(Memorando n. 3.169-D/5, de 27-VI-955, do Gabinete do Exmo. Sr. Ministro, à Secretaria Geral.)

---

*Um bom exército é uma escola de disciplina hierárquica, que prepara para a disciplina social; é, ao mesmo tempo, uma escola de trabalho, de sacrificio e de patriotismo. Um exército bem organizado é uma das criações mais perfeitas do espírito humano, porque nêle se exige e se obtém o abandono dos mesquinhos interesses individuais, em nome dos grandes interesses coletivos; nêle se exige e se obtém que a entidade homem, de ordinário tão pessoal e tão egoista, se transfigure na obstração dever; nêle se exige e se obtém o sacrificio do primeiro e do maior de todos os bens que é a vida, em nome do princípio superior de pátria.*

*Compreende-se facilmente que uma instituição dessa natureza, que destaca, e põe em relêvo, e fortalece aquilo que há de nobre e heróico, e de sublime no barro comum — tem que exercer forçosamente uma influência salutar sôbre o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades.*

*Se essa influência, que sempre se fêz sentir nas sociedades cultas da Europa, trabalhadas por dois mil anos de civilização, é, nas velhas sociedades já formadas, um meio valioso de aperfeiçoamento, que os filósofos reconhecem e assinalam — num país como o Brasil ela será, com mais forte razão, um fator poderoso de formação e de transformação de uma sociedade retardada e informe.*